

# MARSHALL MCLUHAN, ESSENCIAL

Aluizio R. Trinta \*

• Na base de dados e passagens de sua biografia, além de remissões às influências intelectuais recebidas e assimiladas, esboça-se um perfil do pensador e educador canadense da mídia Marshall McLuhan, retendo-se, essencialmente, traços distintivos de seu pensamento. O lema “O meio é a mensagem” resume uma de suas mais finas e sutis intuições. M. McLuhan se ocupou, tanto dos avassaladores efeitos da mídia em meio social, quanto de suas características como prolongamentos dos sentidos do homem. Vivemos hoje em uma “sociedade planetária”, eletronicamente conectada, compondo uma “aldeia global”. O professor de Toronto intuiu o advento e prefigurou as conseqüências da multimídia digital que conhecemos.

> Mídia - Tecnologias - Sensório - Efeitos - Sociedade - Cultura - Mudanças - Multimídia Digital

Herbert Marshall McLuhan nasceu em Edmonton, capital da Província de Alberta (Canadá), em 21 de julho de 1911. Ainda criança, sua família se mudou para Winnipeg, capital provincial de Manitoba, no Centro-Oeste do Canadá, tendo ele crescido nesta cidade. Em 1933, colou grau de bacharel pela Universidade de Manitoba, obtendo, no ano seguinte, o título de *Master of Arts* em Língua Inglesa. Desta proveniência geográfica e desta procedência universitária, Marshall McLuhan dirá, por ocasião de uma aula, que a vastidão de horizontes, típica do Oeste do Canadá, “conduz os que lá nascem e vivem a jamais reter e fixar um ponto-de-vista... E disto não necessitam, porque têm diante de si um panorama, um amplo campo de visão”. Faria ainda orgulhosa menção ao fato de, tendo nascido e se criado em um fim-de-mundo intelectual, às margens dos grandes centros de produção de saber (a periferia do mundo universitário canadense, à

---

\*Professor Adjunto de Teoria da Comunicação (ECO/UFRJ).  
art@alternex.com.br

sua época), poder portar-se como um *outsider*, ao qual distinguiriam, acrescente-se, apurada percepção e amplo descortino. Donde a decisão de permanecer no Canadá, onde viveria até sua morte, ocorrida em Toronto (capital de Ontário), no dia 31 de dezembro de 1980.

Filho de um corretor de seguros e de uma atriz, louvada por suas habilidades como recitante, Marshall McLuhan dela terá herdado sua excepcional capacidade de memorização, assim como uma aptidão invejável ao improvisado verbal. E o gosto pela poesia (à qual, quando da elaboração de seu pensamento, iria conferir prerrogativas de uma valiosa técnica de expressão afetiva e intelectual). Aos que, tendo-o lido, tivemos a boa sorte de vê-lo e, sobretudo, ouvi-lo, ele impressionou vivamente, mercê de sua figura ilustre, sua voz bem timbrada e da clara pronúncia de sua fala. Pensava e bem sabia dizer; conversar por horas a fio era algo que muito o aprazia, embora parecesse preferir falar a ouvir. Ênfase na cédula; sutileza no selo.

Foi na Universidade de Cambridge, na Inglaterra, para onde seguiu para um Doutorado, que Marshall McLuhan conheceu o crítico, poeta e professor de literatura I(vor) A(rmstrong) Richards (1893-1979). Personalidade intelectual de escol, nos anos 30, I. A. Richards iniciou M. McLuhan nos segredos da filosofia da retórica. Reticente, em um primeiro momento, ao pressuposto teórico de Richards, segundo o qual toda experiência é estritamente dependente de circunstâncias prevalentes à época de sua realização, McLuhan terminaria por assimilar o método de análise crítica – *close reading* ou “leitura imanente ao texto” – do professor inglês. Preparava-se para fazer uso hábil de instrumentos retóricos, tais como imagens sugestivas, metáforas, alternâncias de ritmo e expressão irônica, explorando as potencialidades da linguagem, os recursos da língua e até mesmo a significativa obscuridade da poesia moderna. Em tais bases retórico-filosóficas, Marshall McLuhan formularia seu abeiramento exploratório à *mídia* e à *cultura*, evidenciando sua aptidão em fazer de palavras modos bem elaborados de investigação da condição humana a braços com tecnologias mutantes. Assim proposta e lavrada, esta engenhosa *interpretação* expede um juízo crítico *a posteriori*<sup>1</sup>. Outra coisa não seria de se esperar. Onde quer que um homem sonhe, te-

orize ou profetize, logo outro se ergue para interpretar; e, se alguém interpreta, o *outro* dele mesmo põe-se de pé e faz poesia.

Psicólogo por formação, I. A. Richards havia concluído que o poema encerra uma função terapêutica, ao organizar e integrar variados impulsos de sensibilidade em uma totalidade estética una e única; engenhoso em sua confecção, o poema contribuiria para que, pelos benefícios de uma estesia comum, escritor e leitor desfrutassem de bem-estar psicológico. Com este prócer do chamado *New Criticism* – a “Nova Crítica”, literária e cultural – Marshall McLuhan iria ainda aprender que não é o conteúdo de um poema o que, esteticamente, importa; é, antes, o impacto que uma sucessão de inspiradas metáforas produzirá, como efeito psíquico, na mente do leitor. Metáforas intrigam, instigam, implicam, magnetizam, aturdem. Fascinam, sempre.

Instruídas leituras de poetas, entre os quais se alinham William Blake, Charles Baudelaire e Stéphane Mallarmé, trouxeram-lhe a certeza de que a alusão metafórica e a expressão alegórica poderiam ser proveitosamente transpostas, não somente para a docência universitária, senão também para a crítica cultural de largo espectro e tino elevado. Leitor assíduo do escritor James Joyce, Marshall McLuhan fará bom uso destes preceitos, aplicando-os ao estudo poético de *mídias*, ao qual chegaria instado por outro professor inglês, F(rank) R(aymond) Leavis (1895-1978). Crítico de idéias e educador, F. R. Leavis tinha a literatura na conta de uma reserva de *moralidade* (no sentido francês do termo); e sua crítica, um bastião de defesa contra toda espécie de pragmatismo mercantil. Introdutor do conceito de *ecologia cultural* – assim entendendo o estudo e a variação de *propriedades culturais* – concebia a universidade como um núcleo autêntico de consciência e de responsabilidade social, em um tempo de conflitos armados que estavam a conduzir a civilização do Ocidente a um vazio de idéias, talvez a um deserto moral. Uma lição, que Marshall McLuhan teve de cor, referia-se à necessidade de acostumar estudantes universitários a uma análise crítica de seu *ambiente cultural* – com destaque para a difusão da propaganda comercial – em tudo e por tudo analoga à que se haviam habituado a fazer, criativamente, com o texto literário.

Tendo deixado Cambridge, em 1936, o professor Herbert Marshall McLuhan ganhou, em 1937, um posto acadêmico na Universidade de Wisconsin (EUA), onde permaneceu por um ano. Convertido ao Catolicismo – inspirando-se, provavelmente, no pensamento e na obra de G(ilbert) K(eith) Chesterton (1874-1936)<sup>2</sup>, personalidade literária eminente nas duas primeiras décadas do século XX – M. McLuhan transferir-se-á para a Universidade de Saint Louis, instituição de ensino superior administrada por Jesuítas<sup>3</sup>. Nela irá lecionar o *New Criticism* inglês em linha com as prescrições doutrinárias de I. A. Richards e T(homas) S(terns) Eliot (1888-1965). Começaria aí sua preparação doutoral, que iria culminar com uma Tese, defendida em Cambridge, no ano de 1943, enfocando a obra de Thomas Nashe, autor satírico inglês de fins do século XVII<sup>4</sup>. Marshall McLuhan, sem dúvida, muito terá aqui aprendido.

De retorno ao Canadá, em 1944, dedica-se ao ensino de Humanidades no Assumption College, futura Universidade de Windsor (Ontário), passando, dois anos depois, a integrar o quadro docente da Universidade de Toronto. Nesta última instituição, Marshall McLuhan foi, a partir de 1946, um circunspeto professor de Inglês do prestigioso Saint Michael's College; não obstante, estabelecendo-se em uma espécie de *off campus* desta universidade, viria a criar, em 1963, o Centro para a Cultura e a Tecnologia, no qual desenvolveria seus projetos intelectuais, iniciados com a publicação da revista *Explorations*, a partir de 1953. Para tanto, contaria com a colaboração do antropólogo Edmund Carpenter, bem como a de outros nomes representativos de uma emergente *intelligentsia* do continente norte-americano.

Em Toronto, na década de 40, Marshall McLuhan pôde assistir, embevecido, a aulas do canadense Harold A(dams) Innis (1894-1952), economista e professor de economia política, que se entusiasmara pela “ecologia humana” e por outras idéias que pudera haurir de Robert E(zra) Park (1864-1944) e George H(erbert) Mead (1863-1931), mestres renomados da Escola de Chicago. Ocupando-se de relações e vínculos existentes entre a comunicação e as mudanças operadas no domínio da *cultura*, H. Innis afirmava que, desde os primeiros

tempos da escrita manual, as tecnologias da comunicação vinham influenciando a formação das sociedades humanas. Credite-se a Innis a intuição de que há *meios de comunicação* para os quais o tempo serve de base, assim como há *meios de comunicação* – mais portáteis e transitórios – para os quais a referência é o espaço. Para ilustrar o primeiro caso, a escrita hieroglífica egípcia gravada na pedra; para o outro, o papiro, cujos manuseio e facilidade de transporte foram valiosos para a consolidação do Império Romano. *A escrita* é instrumento, acontecimento, memória e lei.

De Harold A. Innis, Marshall McLuhan – um e outro pilares da Escola de Toronto – reterá o princípio explicativo pelo qual, de um processo linear progressivo, deve-se passar ao estudo contrastivo de formas de percepção sensorial, eventualmente predominantes neste ou naquele estágio de desenvolvimento de uma civilização. Empenhando-se em aprofundar este modo de ver e tendo descoberto no *Finnegan's Wake*, de James Joyce, uma crítica, vazada em metáforas, ao rádio e à televisão, Marshall McLuhan pôde articular sua percepção dos *meios de comunicação* como dimensões ampliadas do corpo humano; e, no caso da *mídia eletrônica*, o aumento projetado seria nada menos do que o do sistema nervoso humano, expandindo-se no tempo e no espaço. A exemplo da poesia, no sentido curativo e restaurador que lhe preceituava I. A. Richards, tais *meios* não tardariam a se impor ao psiquismo humano, considerando-se que cinema, rádio e televisão viriam a produzir, na sociedade moderna, abalo ainda maior do que o da imprensa. Entre *meios de comunicação* subsistirá, contudo, uma insuperável diferença. Se a imprensa incentiva a adoção de um pensamento linear – pelo qual a uma idéia se segue outra, logicamente relacionada à primeira – a *mídia eletrônica* proporcionará a sensação de que se está tendo a experiência imediata de tudo, de uma só vez, em uma ordem aleatória e sem conexão necessária a uma fonte específica de proveniência da informação. “Massagem da alma”, relaxadora, mas estimulante.

Com irreverência, sua marca registrada, Herbert Marshall McLuhan se apartou do pesquisador tradicional, obrigado, por praxes e convenções acadêmicas, a se definir e pautar por critérios

peculiares ao que se pode ter por uma *postura científica*. Fale-se, antes, em *envergadura poética*. Pensador original ou *homme d'idées*, inspirado agitador, a Marshall McLuhan se pode atribuir um modo de refletir distinto e distante das reflexões que demarcariam, entre os anos 50 e 80, o campo teórico da *mídia*, promoveriam sua crítica e orientariam um bom número de ações práticas. Seu pensamento e sua obra representarão uma *mudança paradigmática* nos estudos da comunicação por um decidido afastamento, seja em relação às *análises de conteúdo* – aplicadas, à época do mcarthismo nos EUA, ao noticiário e à difusão de propaganda – seja em relação ao *modelo teórico-matemático da comunicação*, preconizado por Cl. Shannon e W. Weaver. Diferirão, igualmente, da *teoria crítica da cultura* (no sentido alemão de *Kultur*), concebida e professada por Theodore W. Adorno e Max Horkheimer (preocupados em denunciar a hipoteca ideológica dos conteúdos) em aberta (enraivecida, não raro) reação a uma *communications research* (Paul Lazarsfeld, Wilbur Schramm e outros) – procedimento funcionalista que, prescrevendo análises empíricas e formais dos fatos da comunicação, estava em vigor nos Estados Unidos desde os anos 40.

Por *mídia*, Marshall McLuhan entendia bem mais do que *meios de comunicação*, tais como o jornal, o rádio e a televisão. Neste rol estavam incluídos a estrada, o dinheiro, o relógio, a roda, a roupa e outros tantos artefatos humanos que se prestassem à realização de atividades de comunicação: são *tecnologias* ou aplicações de conhecimentos científicos. Conquistas humanas e sociais. Por que motivo somente seriam compreensíveis se tomadas em função de um admissível conteúdo, latente ou manifesto? E, inescapavelmente, de cunho ideológico e finalidade política? Ao fundar suas “explorações da *mídia*” em uma reflexão acerca das tecnologias, Marshall McLuhan se insurgia contra a idéia de que toda tecnologia nada mais é do que um utensílio, uma ferramenta, da qual se faz um uso, bom ou mau. Por força desta “visão instrumental”, um *meio de comunicação* constitui mero continente por cujo intermédio se veicula um conteúdo, avultando, neste processo vertical, as figuras da *fonte emissora* e do(-s) *destinatário(-s)*, além de especificidades técnicas referentes ao *canal*. O mestre de Toronto fora bem mais longe, ao intuir que

expansões tecnológicas resultam em novas percepções; e estas, em seu dinamismo próprio, fazem nascer formas novas de cognição. A principal tese que Marshall McLuhan defenderá, em aulas, livros e em entrevistas, será a de que é a índole mesma dos *meios* – e não seu eventual conteúdo – que tem alcance e conseqüências de ordem psíquica; e, por extensão, sociocultural. Considerando-se que cada tecnologia *estende* um modo de ver, sentir e fazer coisas, dotando de proporções bem definidas a toda percepção, isto implicará uma recomposição, um novo equilíbrio sensorial atingido. Qualquer extensão de nosso corpo ou de nossos sentidos elementares, propiciada por um “invento inédito”, obriga nossos sentidos a ocupar novas posições, a retomar seu equilíbrio original. Por outras palavras, cada readaptação efetuada altera nossa captação dos fatos do mundo pelos sentidos e significa um modo diferente de perceber nosso entorno; completado o processo, verificam-se mudanças nas interações e nas instituições, vale dizer, na *cultura* como um todo. São precisamente estas modificações (do *contexto* sociocultural) que compõem a *mensagem* de um *meio de comunicação*.

O professor McLuhan dizia não estar ocupado com a comunicação, isto é, o aparato (*hardware*) de transmissão de conteúdos; preocupava-se, isto sim, com a *informação*, ou melhor, com padrões de organização (*software*) dos dados obtidos e das transformações operadas, fosse no pensamento humano, fosse em suas estratégias de argumentação. E afirmava que a inteligibilidade moderna jazia em um “reconhecimento [identificação] de padrões” (*pattern recognition*); por outras palavras, dependia de ingentes tentativas de perceber e comparar esquemas informacionais. Para designar agora a totalidade dos *efeitos* produzidos por um *meio de comunicação*, ele fará uso do termo *environment* – que, em língua inglesa, denota “entorno” e “imediações”, conotando a “contextos” e a “circunstâncias”. Mais do que um ambiente, uma *ambiência*. À semelhança da referida “ecologia humana” – um estudo compreensivo dos meios (*milieux*, em língua francesa) em que vivem e agem seres humanos, assim como das relações destes últimos com tais meios – Marshall McLuhan proporá uma *ecologia midial*. Terá querido dizer que, com ela e por

ela, procede-se a um exame exploratório do modo pelo qual a *mídia* afeta a percepção, as sensações, os processos cognitivos e os valores humanos; aprende-se, de imediato, que a qualidade avaliada da relação da espécie humana com a *mídia* fará aumentar ou, ao invés, diminuir as chances, que temos, de sobrevivência psíquica. “*Mind your media men!*”, dizia o professor da U. of T., sem jamais chegar a entender por que, tantas vezes, o ser humano recusa a compreensão (sensível, mas já assim inteligível) de processos tecnológicos capazes de ditar o rumo de sua vida.

Verifica-se, ao longo de sua história material, uma afluência de distintos *meios de comunicação*, não de modo a que um venha a anular o outro; mas, ao contrário, venham um ao outro reforçar, compondo uma *ambiência*. O rádio contribuiu mais para programas de alfabetização do que o fez a TV; não obstante, pelo recurso a técnicas de radiodifusão, a TV representou um extraordinário instrumento didático-pedagógico para o ensino de línguas por métodos audiovisuais. Com alguns *meios*, podem ser feitas coisas que, com outros, não são factíveis. Que se estime, portanto, o “campo midial” como uma totalidade estruturada, anotando-se a ocorrência de associações de *meios* em regime de sinergia<sup>5</sup>. “Ecologia da *mídia*” dirá, enfim, respeito ao estudo de *ambiências informacionais*. Sob este aspecto, constitui proposição teórica e instância prática do complexo conjunto formado pelas relações dos *signos* circulantes (e dos *códigos* aos quais pertencem) à *mídia* e desta, à *cultura*.

Tendo a intenção de dar pleno curso a seus *probes* – afirmações do caráter eminentemente experimental de sua investigação exploratória – o teórico e educador canadense recorrerá a ousadas alusões metafóricas, manejando paradoxos com a habilidade retórica de um sofista. Fulgurantes introvisões; calidoscópico vertiginoso e composição mosaica; saber em fragmentos; frases sentenciosas, providenciais; palavras ouvidas de um oráculo. Ao cartesianismo filosófico, afeito a construções sintáticas em regime de hipotaxe (coordenação ou subordinação na composição de períodos) – ajustado, por pontual e produtivo, à racionalidade da vida moderna – substitui-se a experiência da “aldeia global”, proporcionada pela

tecnologia eletro-eletrônica. Vigora o regime da comunicação por parataxe (justaposição frasal ou seqüência de frases-ponto); com ele, uma mesma experiência pode ser “telegraficamente” compartilhada por distintas culturas, independentemente de fronteiras geográficas. Dissemina-se e passa a vigor uma nova *linguagem*, à qual caracterizam instantaneidade, fragmentação, simultaneidade sensorial e rapidez de emissão, bem como facilidade de recepção e divertido entendimento. Retém-se somente a informação que emociona.

Em livros, palestras, aulas e entrevistas, Herbert Marshall McLuhan afirmou, essencialmente, o que se segue – ora transcrito em esforçadas paráfrases.

A nova interdependência eletrônica recria o mundo à imagem de uma aldeia global. O “conteúdo” de um meio é sempre um outro meio. O conteúdo da escrita é a fala, tal como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a imprensa, o conteúdo do telégrafo. O telégrafo é a eletrificação da escrita. A palavra falada foi a primeira tecnologia pela qual o homem tentou liberar-se de sua ambiência a fim de apreendê-la de uma nova maneira. Todos os meios são metáforas ativas por seu poder de traduzir a experiência em novas formas. Os efeitos dos meios de comunicação se vertem em novas ambiências. Cada ambiência promove uma reprogramação da vida sensorial. Qualquer modificação operada nos meios de comunicação produz reações em cadeia, nas esferas da cultura e da política. Não haverá mudança tecnológica nos meios de comunicação que não venha acompanhada por uma espetacular mudança social. Todas as mudanças sociais representam efeitos das novas tecnologias sobre o equilíbrio de nossa vida sensorial. Os efeitos produzidos pelas novas mídias em nossas vidas se assemelham aos efeitos da nova poesia: mudam não somente o nosso pensamento, senão também as bases em que ele se estrutura. Quando varia a proporção existente entre os seus sentidos elementares, o homem também varia. A proporção existente entre os sentidos se altera sempre que qualquer um deles, assim como qualquer função corporal ou mental, se exterioriza em forma tecnológica. Cada nova tecnologia que surge traz consigo uma ambiência à qual se tem na conta de corrupta e degradante, até que

tal tecnologia faça daquela que a precede uma forma de arte.

As novas mídias não são modos pelos quais nós nos relacionamos ao velho mundo real; são, na verdade, o mundo real e reformam à vontade o que resta do velho mundo. O que muda com o advento de uma nova tecnologia é a moldura do quadro e não apenas a paisagem emoldurada. Para o telespectador, o noticiário da TV se faz passar pelo mundo real, ainda que não valha como sucedâneo da realidade; em si mesmo, tal noticiário é uma realidade imediata. Estamos começando a compreender que os novos meios não são apenas trucagens mecânicas, utilizadas para criar mundos de ilusão; são novas linguagens com potencialidades inéditas de expressão.

Uma tecnologia nova desperta a sociedade de seu sono letárgico. As sociedades humanas sempre se deixaram moldar mais pela índole dos meios pelos quais os homens se comunicam do que pelo conteúdo de sua comunicação. Um sentido elementar estendido acarreta profunda modificação em nosso modo de pensar e de agir; em nossa maneira de perceber o mundo. Os efeitos da tecnologia não se dão a ver no plano das opiniões e dos conceitos; o que fazem, de modo contínuo e sem encontrar qualquer resistência de nossa parte, é alterar as correlações entre os sentidos elementares ou as pautas perceptuais que são as nossas. Olhamos para o futuro por meio de um espelho retrovisor. Estamos indo de marcha-a-ré em direção ao futuro.

Assim falou (e disse) Marshall McLuhan.

Uma *ambiência* tende à invisibilidade; McLuhan, malgrado ele próprio, se integrou, naturalmente, a um ambiente psico-sócio-cultural. No entanto, não se fez invisível; pior: foi esquecido. Injusto, este ostracismo não poderia mesmo durar muito. Fênix das cinzas renascido, ele ressurgirá – uma vez mais, naturalmente – com a expansão, nos anos 90, da rede digital proporcionada pela fusão da televisão ao telefone – *meios* “frios”, envolventes – em escala planetária. A *web* – experiência multimídia – que McLuhan anteviu ou de que havia tido forte intuição, traria pensamento, obra e figura humana de retorno a currículos acadêmicos, ensaios críticos, antologias, sítios eletrônicos. E a instituições de ensino, de pesquisa, de preservação

memorialista; também a programas de capacitação científica. Uma “revisita” (como se diz no mundo anglo-saxão) que se fez revista, em janeiro de 1996, com a edição especial de *Wired*<sup>6</sup> – a primeira publicação, devotada a temas de tecnologia e internet, a adotar um leiaute à imagem e semelhança da(s) mídia(s) de que se ocupe. Gary Wolf, seu editor, sagrou Herbert Marshall McLuhan como “*Saint Marshall*”, entidade protetora, em tempos de um “Eletronascimento”, quanto a turbulências (sensoriais, cognitivas) do mundo digital contemporâneo. Vivemos uma segunda “era da oralidade”, à qual dão nítidos contornos as *novas mídias*, a multimídia e as redes digitais de comunicação. Esta, a *ambiência midial* do nosso tempo. Se a imprensa é *meio* “quente” e a *mídia* eletrônica (emissões de TV em *broadcasting*) é “fria”, por interativa, então a *hipermídia* em rede (telefone, TV, vídeo e computador) tende a um resfriamento (de sua temperatura) informacional, à medida que requer maior participação sensorial de seus encantados usuários.

Marshall McLuhan jamais foi um “integrado” (conivente com a “barbárie cultural” induzida pelos *mass media*) ou, pura e simplesmente, um “alienado” (da conjuntura política de seu tempo); ao contrário, ele nos interpelou, encarecendo a necessidade de nos conscientizarmos de toda sorte de mudanças impostas pelo dinamismo tecnológico da mídia. Mais sentidos (sendo) estendidos, mais sentidos (a serem) entendidos<sup>7</sup>.

Compor ou formar uma *memória* de Marshall McLuhan é dar ensejo à reconstituição ou a uma atualização de seu legado de idéias; é deixar-se fascinar, uma vez mais, por sua obra, decantada em quintessência; é, enfim, retomar em modo crítico seus enlevos poéticos, aceitar o desafio de seus *probes* e aferir a pertinência de suas introversões. É ter em mente que os clichês de Marshall McLuhan se deixaram moldar em arquétipos e se fizeram eternos. Voltarão sempre.

## Notas

1. No seu livro *Principles of Literary Criticism* (London: Routledge and Kegan Paul, 1931), I. A. Richards sintetizou seu método crítico: “*One does not*

*expect novel cards in playing so traditional a game; it is the hand which matters*". (Trata-se menos de dizer algo inteiramente novo do que dizer algo, a ser inteiramente conhecido, de um modo novo).

2. Em sua qualidade de escritor e crítico, G. K. Chesterton havia obtido larga aceitação popular em virtude do estilo envolvente, vigoroso e arguto (com notas satíricas) de seus escritos, nos quais promovia a candente defesa de pareceres e opiniões bastante controvertidos. Liberal em seu pensamento, ele viria a tornar-se conservador, ao converter-se ao Catolicismo, em 1922.

G. K. Chesterton iria, enfim, notabilizar-se por suas incursões no romance policial, pondo em cena 'Father Brown', um padre-detetive.

Estaria aqui uma adequada metáfora para a percepção aguda, a sondagem informada e a detecção esclarecida. Um investigador profissional deve estar preparado e disposto a efetuar uma perquirição meticulosa, profunda, rematada. E, acima de tudo, inventiva, como a de Marshall McLuhan em seus *probes*.

3. Uma das mais conhecidas proposições de Marshall McLuhan – os *meios de comunicação* formam prolongamentos do homem – terá raízes no pensamento do padre Teilhard de Chardin (França, 1881-EUA, 1955), para quem o uso moderno da corrente elétrica terminaria por distender e alongar o sistema nervoso central. Do mesmo modo, certo "darwinismo tecnológico" de Marshall McLuhan provirá, *mutatis mutandis*, da teoria científica da evolução humana, pela qual o religioso jesuíta propunha que se tomasse o princípio da *evolução* como "um facho de luz lançado sobre todos os fatos, sobre todas as coisas". *The phenomenon of man* (1959), a mais lembrada das obras de Teilhard de Chardin, compõe uma visão evolucionista compreensiva; é, por sua índole, ajustável tanto a temas científicos, quanto a assuntos de natureza religiosa. Teses evolucionistas explicariam a maneira pela qual a matéria-energia do universo se vem transmutando e assumindo um elevado grau de complexidade. Em última análise, o processo evolucionista culminará na convergência dos mundos material e espiritual, contribuindo decisivamente para a formação de uma *superconsciência* em escala planetária.

Rastreiam-se tinturas de um misticismo católico na esperança, expressada pelo professor canadense, de que, a exemplo do que sentia o padre francês, a "civilização eletrônica" representasse um salto espiritual, em altura e distância, apto a pôr a humanidade em estreito contato com

Deus. M. McLuhan, de certa data em diante, nada mais diria acerca de tal sentimento, passando a crer que a “unificação eletrônica da humanidade” traduziria tão-somente “um fac-símile [um simulacro] do corpo místico”. Ultrajante impostura, o “universo eletrônico” se afigurava, mais e mais, “flagrante manifestação do anti-Cristo”.

4. Irônico, às vezes sarcástico, Th. Nashe escrevia panfletos nos quais exercitava o *mit*, forma de humor tipicamente anglo-saxônica, expressa em imaginosas similitudes e contrastes inesperados, requerendo agilidade mental e destreza, tanto na concepção, quanto na prática (filológica e filosófica) dos jogos-de-palavras.
5. Esta e outras lições são encontradas em MCLUHAN, Stephanie e STAINES, David (orgs.) *Marshall McLuhan – Understanding me; lectures and interviews*. Prefácio de Tom Wolfe. Massachusetts: MIT Press, 2004.
6. WOLF, Gary. The wisdom of Saint Marshall, the Holly Fool. In *Wired*. San Francisco (CA), n.º 1, ano 4, janeiro de 1996. pp. 181-187.
7. Em *Dois ou três coisas que devemos saber sobre Marshall McLuhan* – texto publicado em CD-ROM por ocasião do I Encontro Regional de Comunicação (Facom/UFJF), em Juiz de Fora (MG), entre 06 e 10 de outubro de 2003, apresentamos uma relação de estudos críticos e de *sites* nos quais há substanciais referências à vida e à obra de Marshall McLuhan.

### **Obras de Herbert Marshall McLuhan (edições originais)**

*The mechanical bride*. New York: Vanguard Press, 1951.

*The Gutenberg galaxy; the making of typographic man*. Toronto: U. of T. Press, 1962.

*Understanding media; the extensions of man*. NY/Toronto: McGraw Hill, 1964.

*Verbi-Voco-Visual Explorations*. New York: Somthing Else Press, 1967.

*The medium is the massage; an inventory of effects*. (Co-autoria de Quentin Fiore). New York: Bantam Books, 1967.

*War and peace in the global village*. (Co-autoria de Quentin Fiore). NY/Toronto: McGraw Hill, 1968.

*Through the Vanishing Point; space in poetry and in painting*. (Co-autoria de Harley Parker). New York: Harper and Row, 1968. (World Perspectives Series, 137).

*Counterblast*. (Co-autoria de Harley Parker). New York: McClelland and Stewart, 1969.

*From cliché to archetype.* (Co-autoria de Wilfred Watson). New York: Viking Press, 1970.

*Culture is our business.* New York: McGraw-Hill, 1970

*Take today; the executive as a drop-out.* San Francisco (CA): Harcourt Brace Jovanovich, 1972.

*City as classroom; understanding language and media.* (Co-autoria de Kathryn Hutcheon and Eric McLuhan). Toronto: Book Society of Canada, 1977.

## **Obras Póstumas**

*Laws of media; the new science.* (Co-autoria de Eric McLuhan). Toronto: U. of T. Press, 1988.

*The global village; transformations in world life and media in the 21<sup>st</sup> century.* (Co-autoria de Bruce R. Powers). Oxford: Oxford U. Press, 1989.

## **Referências na internet**

Marshall McLuhan: <http://www.marshallmcluhan.com/main.html>

Marshall McLuhan: <http://www.chass.utoronto.ca/mcluhan.html>

Media Ecology Association (MEA): <http://www.media-ecology.org>

The McLuhan Program in Culture and Technology: <http://mcluhan.utoronto.ca>

*Playboy's* interview: <http://www.vcsun.org/~battias/class/454/txt/mclpb.html>

*Link* externo: <http://www.ubu.com/sound/mcluhan.html> UbuWeb Marshall McLuhan

- On biographical accounts and some references made to intellectual influences on Marshall McLuhan's thought, the eminent Canadian thinker is here portrayed as an essential theorist and an educator of modern media. The slogan "The medium is the message" sums up one of his most advanced perceptions. M. McLuhan studied media's overriding effects on society as well as their character as extensions of the senses of the individual. We are now part of a worldwide society electronically connected in a "global village". M. McLuhan's comparisons of media and their after-effects are quite stimulating probes on the consequences of digital multimedia.

> Media - Technology - Human Senses - Effects - Society - Culture - Changes - Digital Multimedia